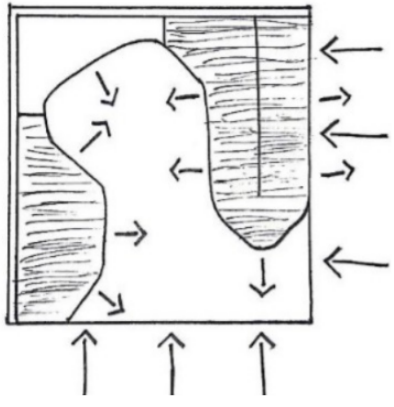


# FORA | DENTRO

## DA BOLHA

DESIGN DE AMBIENTES



Vivemos numa era em que algoritmos definem o que vemos, com quem interagimos e o que pensamos. As bolhas digitais nos isolam do diferente, criando mundos paralelos que raramente se tocam. Mas na vida real, convivemos com a diversidade sem filtros — e é nessa contradição que nasce o projeto.

De dentro para FORA

De fora para DENTRO

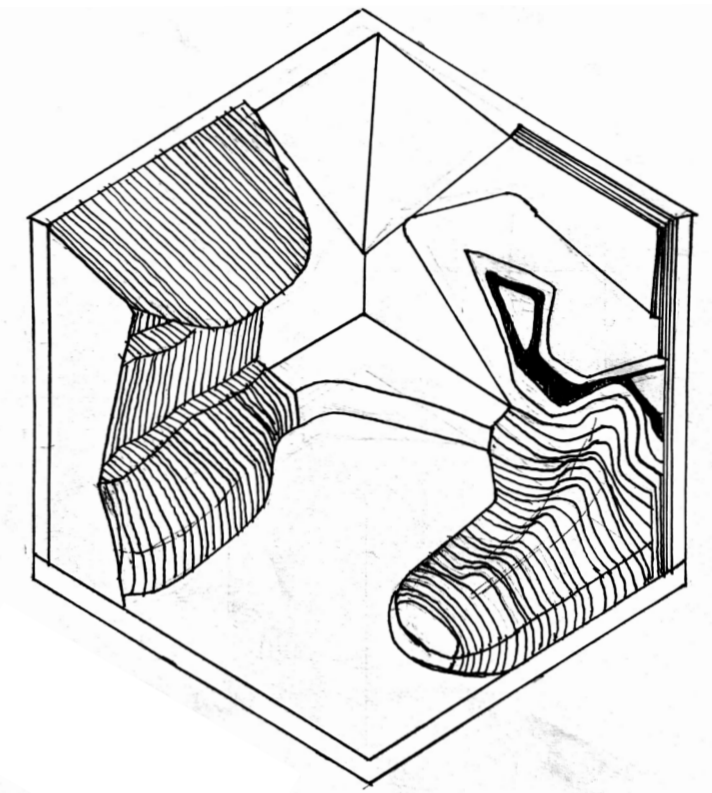
### PROBLEMA | BOLHAS DIGITAIS

### PARTIDO | FORMA E EXPERIÊNCIA

O espaço é lido progressivamente conforme se orbita ao redor dele — fechado por trás, revelando-se aos poucos. Dois materiais em tensão deliberada: concreto frio e rígido na casca externa, madeira paramétrica quente e orgânica no interior. O mobiliário nasce da mesma linguagem das paredes, formando um organismo único. A abertura enquadra o exterior sem se render a ele.

Essa dualidade não é apenas estética — é conceitual. O concreto representa os limites inevitáveis da existência humana, a casca que nos separa e nos define. A madeira representa o Eu que habita esses limites: vivo, em camadas, acolhedor. A tensão entre os dois materiais é a tensão entre o que somos e o mundo ao redor.

O espaço pode ser instalado em qualquer lugar — num parque ensolarado, numa calçada fria, num pavilhão fechado. O entorno muda, a bolha permanece. Quem muda é quem está dentro dela.



### CONCEITO | A BOLHA SOMOS NÓS

Bolha não é uma crítica às redes sociais. É uma afirmação sobre o ser humano. O espaço propõe uma inversão: quem entra acredita estar “fora da bolha”, mas descobre que está dentro dela — e que essa bolha é ele mesmo. A casca de concreto representa os limites que nos protegem e nos definem. O interior de madeira, orgânico e acolhedor, representa o Eu que habita esses limites. A abertura não é uma falha — é uma escolha. A bolha sempre existirá. O que muda é o quanto decidimos abri-la.

